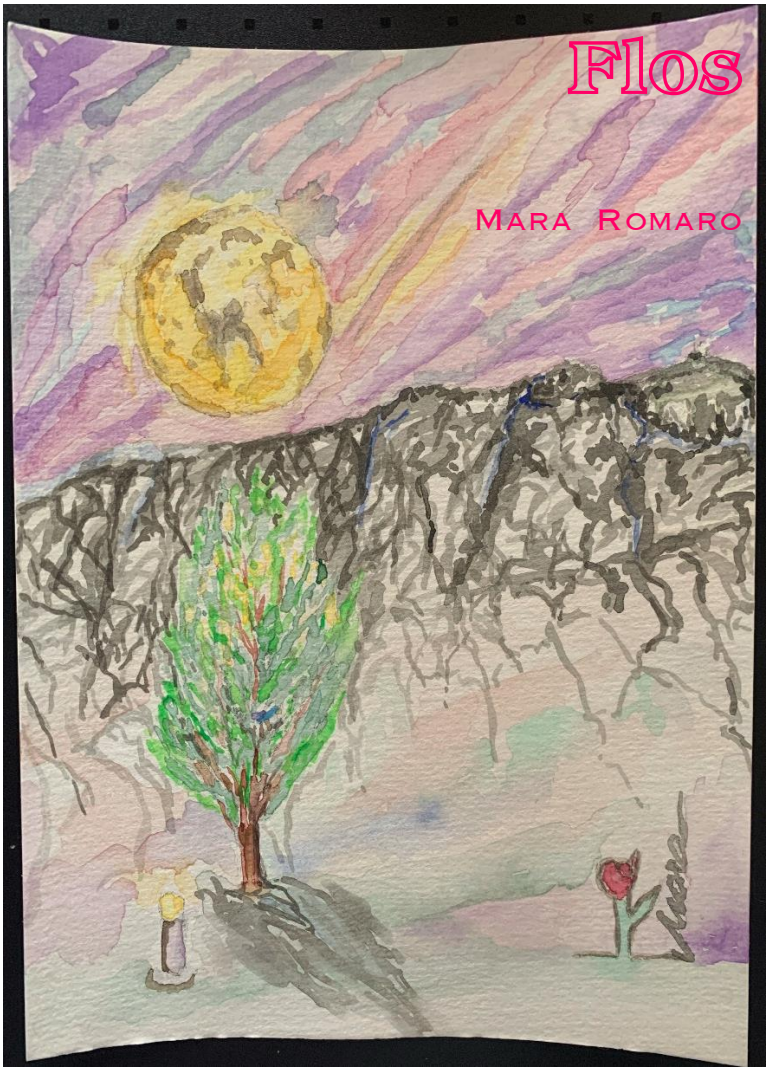

[Illustratio 1]

L021 V0 – A18– 18 fev 2025 – Status – Constructo , illustratio | Inacabado, projeto em andamento. germinatio sancte Mysta Myropola

"Fustiga a ventania rasante

transcorrer anoitecer

as estrelas que opacas boiam

lanternas de papel crepom

rabiolas de arraias

Constelação de estrela do mar..."

– Mara – 13 fev 2025 Filum Flammeus Firmamentum

.."

MARA ROMARO

À mãe Terra. Ao mestre do Universo.

Praefatio a Flos

I

xxx

Intent

Um herbário em flores que se conversam, com ilustração herbária em aquarela.

FLOS, (F.)

– Lat. – Flor

Herbário

Rosa canina[1] Guriatã[2]

|20141114 20:37

Virando a página de cabelo dos ventos

O tango entre os espinheiros

nos braços do átimo

céu estelar púrpura Guriatã

bailando no reflorescer

emudecer o iridescer

cântico do Sol escrever

Forrobodó do comedouro

Fim-fim no frêmito

na antevisão da tempestade

Sozina Rosa canina

Amorzim Rosa pequenina

Você sabe? Você cabe?

Espreguiçando os braços

Árvore indescritível

Amor insensível

Um Sol recém-nascido.

Virando a pátina dos raios ultravioletas

---

[1] Rosa canina – roseira silvestre, rosa canina, Rosa angiospermae, R. canina, família Rosaceae. Roseira que apresenta um tipo de fruto.

[2] Guriatã – *Euphonia chlorotica* – também *purple-throated*, *Euphonia*, Guriatã-de-coleira, gaturamo, Fim-fim, Vim-vim, pássaro gaturamo negro púrpura com adorno amarelo manga, fêmea verde e amarelo.

Estarrecedor Aguda dor

Chão *Griot* grés[3]

Torrão carcomido de argila

Frescor evaporado do sorriso na maxila

Guriatã púrpura casado a uma verde amarela

Rosa canina Salina

Você sabe

Um gaturamo de fraque e manga

Generoso vim-vim leva papaia no bico

ao bico leva papaia do fruto

do futuro sumo na saliva do cio

do pio do uivo até o coaxo do rio

A sua guriatã emplumada na manhã

Bico a bico Lado a lado

Enraizado o olhar silvestre

campestre nublado

chovido chorado

no chão *griot* irradiado

do Sol recém-nascido

grunhido no colo da planta

invadida sobrevivida

Rosa canina Menina

[3] *Grés* – Frâncico *Griot*, uma espécie de rocha, fr. grés. 1. o mesmo que arenito. 2. Pedra abrasiva ou pedaço de metal empregada para relascar uma peça de vidro. 3. cerâmica de massa sílico-argilosa, opaca, dura, capaz de suportar altas temperaturas de cozimento, que vitrifica parcialmente e a torna impermeável. Objeto deste material.

Flores

Clímax Lantana[4] do Firmamento

|19 julho 2022

Como se o estame pressionasse

A efervescência dos polens

me retesasse

Sem respirar as folhas voadoras

Tapetes de veludo

que faziam volutas[5] nos

redemoinhos invisíveis

Senti a força do vento

O peso da escuridão das horas

Senti tua mão no ventre

Carinho da imensidão

_ dos sabores da amora

Como pétalas ao firmamento

[4] *Lantana* L é um gênero de plantas perenes originárias da Índia. Lantana camara (L. *aculeata* ou L. *armata*).

[5] volutas – orginalmente usei firulas.

Um estouro de carmim

_ não na aurora

Uma profusão de tambores

Vulcão explodido

da cicatriz suturada

boca ressequida em salmoura

Beijo diluído

no céu da profunda amorosa

como fogos de artifício

do primeiro dia

_ de outrora

Flosculos Violetas

|27 outubro 2022 13:13 | Dizeis por mim essa carta a Jesus,

Acordais do sono Flosculos Violetas

Acordais sorrindo pequeno sol

E nos filamentos de pólen borboletas

Asas de firmamentos de luz

Tocais com frescor umbrífero

Dizeis por mim a Jesus

[jardins da desolação]

Senhor por que a devastação?

Fogos escorrem pelos rios

a impiedade do holocausto

O embair da destinação

Senhor o mercúrio escorre adiantado

A insanidade que advém do acanalhado

Crueldade que levam além-túmulo

Capcioso Mendaz ornamenta os sangues

O grito drástico A vida na evasiva destruição

Araponga Araponga O silvo da morte

A cumbuca de água A pepita da sorte

Curió voejar da Saindara[6]

Ela disse Senhor com estas palavras

Como confidência

Tudo há de esmirrar-se

Com urgência

Do formigueiro à arborícola indene

Nada sobrevive e pergunta ao Senhor

Por quê? Da vida para morte

Capciosa subversão

Por que não apita como juiz o fim desse jogo

Araponga Araponga Curió

Flosculos da morte em cinza e veneno

[jardins das orações]

Dizeis florezinhas violetas que mirram

Que não posso salvar

---

[6] Saindara – Coruja-de-igreja.

Flos

Mara Romaro

Voejais pelos ares dos quintais

Murmureis os perfumes das águas

gotículas diamantinas das piracemas

“Salva-nos do mal Jesus

Meu coração dos nós coronários

Tantos voos prometidos dos céus

Salva-nos desse mefisto mendaz

da completa destruição”

Eu diria às demais flores

Elas ainda dormem encolhidas nos capulhos

Esqueceram-se das horas clepsidras

Esqueceram-se do sol celso na frincha da nuvem

Esqueceram-se que reina por sobre tudo

Esqueceram-se que não se mata

Dizia ela dos seus dias no colégio sagrado

Sagrado coração de Jesus

rosas vermelhas de braços abertos

em como aquela paz era umbrosa e solene

em como as mãos se davam sem espinhos

em como os cânticos abrandavam o coração

Como um dizer mágico e profundo

Que o Pai-nosso nunca teria morrido

Nas eras drásticas do atual egoísmo

sinuoso com o corpo da natureza engolido

na barriga de uma serpente píton

Então ela jardinou penitência e compaixão

Disse-me que ninguém entendeu

As florezinhas amarelas do mato primaveril

Dormem como se não precisassem salvar a vida

[jardins de complacência]

Eu mesma quero junto de vós Flosculos[7] Violetas

Dizer as aflições Dizer os calos dos joelhos

Hematomas de amor

Jesus ao lado do criador

A carta me proibi

não podia perguntar-vos

nas cores de outubros febris

nas cores que o ódio *debris*

a alma humana adulterada

em escusas intenções embaíram

o verde esmeraldino dos jardins

consumidos da ferrugem

Eclesiastes das vaidades

Tempestades fustigarão

Como voz de uma libélula

Um pássaro arborícola

Formigas voadoras

Eu Jesus te direi:

Nos jasmins da oração residirei

[7] Flosculos -i Lat. – pequena flor, flor nova e delicada; beleza e ornamentos.

[Jardins de Amor]

Não a compreende – (cantavam as violetas)

Regava com sais das lágrimas

Do amor vencido

Eu dei meus polens

ao floreio da violeta jovenzinha

Tantas flores não aveludaram

O amor que Mara dizia assim

“Meu anjo de amor atemporal

o sorriso das águas temporais

As mãos que me esfriam

lágrimas de aromas ancestrais

Translúcida luz do meu caminho

Sendas rendas cipós de transposição

Travessia sozinha nessa perdição

Ah meu amor do verão Adivinharão

As horas das chuvas me chorarão

Amor flosculos que floresce

minha vida sofrida sem compaixão

E por que meu Deus?

Por que cargas d’água?

Não carrego mágoa!

Essa impiedade humana

Cruenta realidade

Por quê?

Por que não toco não salvo

não curo não encontro meu amor

Milagre da vida dentro do meu coração?"

A hora passou e eu aceno adeus

com as badaladas do campanário

Sem os voos de flores templárias

(Penas de escrita de lindo canário)

Flos deambulatio[8]

| 12 novembro 2022 9h | Caderneta Nheengatu

Rumo terracota

das pedras das pedras

O ruminar do pedriscar

Acabou o clamor?

As tantas marias-sem-vergonha

Beijo do vento em pétalas begônias

Sim acabou aquela rua

As cores ofuscadas pela minha filha-flor

Luzes de seu disco voador[9]

Limpidez de seu olho-amor

Íris voadoras Painas cadentes

[8] *Flos deambulatio* – Lat. – Passeio de flores

[9] Refere-se a um blusão de moletom roxo da minha filha aos seus três anos, que tinha a ilustração de um disco voador quando fomos ao passeio na serra.

Estrelas de borboletas rosas

Brilhante luz fosforescente

Amor incessante

oriundo do orvalho de uma flor[10]

Acabou a dor?

Aquele olhar que *rememorio*

Aquele beijo de inexistentes promessas

Do que falo? Acabou?

Os passos livres badalados

O sino das horas do canário

O pulo do tiziu[11]

se extinguiu?

As dunas de saibro[12]

o deslizar dos grandes risos

O sol dourado

de papagaios enamorados?

A esperança do amor

encostado num delicado calor

de beijo-jamais

pelo inclinar da brisa

na aurora das nove horas

Morreu? Por que não

---

[10] Essa frase acordou em minha cabeça, aludindo uma passagem do conto Itineris do Affectio, onde as flores se interrelacionam.

[11] Ave *Volatinia jacarina*.

[12] Refere-se a um lugar do início da serra dos Peçanhas, Itapetinga, que tinha uma jazida de saibro, formava um escorregador de areias de gnaisses brancas e beges. Acabou-se no início dos anos oitenta. Saibreiro, assim era conhecido.

retirou o calor tocado

no cume da minha mão?

Canteiro natural desaparecido

para as plumas esquecidas

do capim de carmim

Aquietou? O coração retumbante?

Os olhos de minha menininha

as jaboticabas da minha aurora

são conforto morno

no céu enevoado

desse tocar distanciado

A voz que me profere silenciosa

E das folhas verdes

o caule espinhoso

minha corrida disparada

do ataque de vespas

Acabou?

Quando andei ainda procurei

Um rosto perdido que

se formasse

dentro da floresta úmida

nos grunhidos da jaguatirica

Do jardim só nasceram tiriricas

Mas com amparos de mãos

cuidei com amor

donde o amor nasceu

Flos

Mara Romaro

e esperei todos os dias

o carinho magnânimo

que nos sonhos

sempre me deu

De mãos dadas com minha filhinha

no alto da serra do rumo

ternura que me acendeu a vida

para o ferimento profundo

de um amor que se quebrava

eu consertava

de um amor que floresceria

em silêncio me feria

até que não mais

Tão festivo como todos os estames

Colorido passeio de flores

Marias-sem-vergonha e begônias

que com a verga do vento

realizaram nosso beijo

de amor esclarecido

Acabou?

Ainda percorro as lâminas do frio

A ventania muda que

suprimiu aquelas flores

no tempo que precedeu

encontrar esse clamor do coração

como uma força que se obtém

como uma proteção sem vintém

Em tais momentos

água rebate todos os meus cais

Enquanto ouço o piano

redobro o carinho do que

me fez ser mãe

recolho cacos das lembranças de mães

recolho as pétalas perdidas

das verdadeiras cores

jamais esmorecidas

Nos pedregulhos árduos

me faço a flor de passeio

com verdadeiro amor no seio

Manuscrito capulho da alma

|27 novembro 19:56

Até pode ser que

desde então

tudo é você

Agora posso ser

eu mesma em vão

esse sabor será glacê

chuva que bate invento

Flos

Mara Romaro

fogo me lava rebento

pássaro me dirá relento

eu enfim te entendo

estou dentro rodopiando

você me é respirando

palavras de intento

amor de vento

Você caminha dentro de mim

Ceifa colhe capim

Flores capulhos de sim

Vejo com seus olhos

a visão de mim

Sofrimento está fim

Divinal luz *marim*

E do mar

faz o ar soprar

me transpassar

estando longe

estando em mim

Echarpes

|30 junho 2023 17:17 a 18:18| dor forte de cabeça |Elucubração durante o banho, a água corrente para enchimento daquele momento, como a infiltração do calor intenso, a imagem poética retida em coisa de minutos, no registro espontâneo do áudio 20230630 Echarpes *** orig, intrépida apesar das tentativas de interrupção. A transcrição é lenta, inacabada, pela dificuldade do som murmurado junto a água. Pensado como Flâmulas de

AMOR, PÁSSARO FLOR. A IMAGEM DO CANÁRIO CONTRAPONDO A FLOR AVE-DO-PARAÍSO E O VARAL DAS ROUPAS DE PÉTALAS E BORBOLETAS SECANDO.

Hoje dia trinta de junho de 2023

Amor esse ano de vinte e três

Seria

como o dia que nem adormeceu amanhecia

Pássaros que buscavam com os olhos lembrando

os momentos Os tantos sobrevoos passados

Esses que desaparecidos ressurgem como outros

de cores demais decifráveis e cantos inusitados

(Eu olhei e vi)

Um varal de cores de encantos

como pétalas e asas de seda de borboleta

com as palavras manuscritas nos desenhos dessas asas

secando dos perfumes da lavagem ao sol

O sol de brilho branco e

esse amor era como esse revestimento

nem Incandescente nem [toc-toc] iridescente 2:16

simplesmente eu olhava nas minhas janelas

o lugar queimava ['quer pegue sua toalha... respondo: NÃO!]

Eu andava a cadência...

Eu andava sentindo de fato essa abrangência

Essa urgência Essa clemência

Como estar junto sem estar

Como não havendo o espaço Não havendo esse compasso

Essa bússola Não havendo

Eu senti Eu senti 3:37

essa presença eu não te vi

Esse... dentro das lacunas

dentro de vestíbulos e salões nos meus sonhos Eu sempre...

olhava essa silhueta sem semblante

e sabia que tinha (humm...) uma importância

quase anônima sem assinatura uma presença tênue

mítica ficava inebriada

sabendo que acordada

o Sol subiria pela escada 4:55

e esses braços do Sol

tinham essa mão de você

Igual esse ano que eu vi essa mão

nos cabelos da minha sobrinha

brilhando no sol com suas mãos que desenhavam

encantada com as novas cores

torcendo os pelos do pincel 5:38

Eu vi

essas sedas tremulantes

da janela como essas roupas

de uma coisa que não...

Uma coisa indefinível infinita

misteriosa

Eu 'inda podia sentir

me regozijar com vento que emanava

aqueles vapores

secando secando

como vitrais trêmulos de cores e palavras

sem sentido

como arabescos que nunca foram descobertos

como um idioma que nunca se soube existir

um monolito[13] inextinguível 6:59

Nada disso podia pôr a vastidão e a complexidade

Nada disso podia trazer os mesmos pássaros e as mesmas flores

numa coisa única tanto quanto aquilo pode

e aquilo ficou permaneceu e sempre esteve ali 7:30

Como tempo Como uma permanência

Então esse amor era tão vibrante

que

não era um instante

Era a existência Era como meu eu

vibrando naquele mar

que eu via sem ver

Naquelas nuvens que amanheciam comigo

E clareava raro nos momentos que eu sentia muita estranheza 8:19

de estar aqui como se escapássemos de um outro universo

que isso aqui me perguntava se fazia sentido

se fazia alguma decifração

mas não

[13] a palavra ficou indecifrável para transcrição. Talvez possa ser manuscrito, ou outro dizer composto. Amor infinito ou monolito, obelisco...

meu amor era muito mais do que você

do que essas todas decisões

os caminhos e a vida

Esse amor era muito mais

do que as estrelas

onde eu procurei entender

as visões e os brilhos tantos

do olhar

Eu acho que nunca poderei transcrever isso

Nunca pude transcrever você

e não você pode me ler

tudo que está escrito dentro de mim

na minha pele

na minha boca

na minha voz

ou no meu... na minha integridade

E todas essas coisas

que me trazem nesse corpo

nessa voz

seja o calor que me faz fugir de te ter

ou o frio que derruba o calor

como uma espécie de senhor que rouba de mim 10:51

a felicidade dessa compleição

e fundição

mais do que uma partícula

que se atrai

Flos

Mara Romaro

É como uma reação estimada

através dessa coisa de sonhar

que enxerga esse vento cigano

chacoalhando as roupas

e que percebe essa presença enfumaçada

do seu amor

respirando esse meu ar

esse meu âmago

esse meu viver

É... É por isso que

toda essa materialidade

ela permanece naquilo que

até faz essas ranhuras do passar da vida

me faz escrever também

Esse pássaro Esse pássaro-flor com essa penugem-pétala

com essas cores e fragrâncias que soma tudo de elegância

desse olhar de amor

Mosquitinhos de Malaqueta

| 16 SET 2023 13:30 F

Solo opimo estimo

os mosquitinhos febris

como dendrofília

nascida argila

Nuvens em diedral voo

Soo o estalo das salivas

que nadam a Via-Láctea

das poeiras das suas células mortas

Perfume inodoro do tempo desgastado

Vértices de estrelas azuis amorfas

Dor dispareunia do vazio tardio

que vaga no profundo marinho a dracar

em mastro e vela recolhidos à torrente

O âmbar gelatinoso de Colombo

A luz desfalecente das diminutas pétalas

As curvas opalescentes de corpo *Boteriano*

Sombras dos cílios e

nebulosas irradiantes das íris

Os quarks O deslocamento calculado

A estação chovida no smoking do sanhaço

O azul dormindo em ninhos de cúmulos

Os sorrisos salivados em mosquitinhos anis

Eólicos enviesados em envileceres primaveris

Enxames purificados dos mocotós doces

Flos

Mara Romaro

Pimentas nascituras pueris

do vaso esquecido em jasmim

Obnubilação em vão

nas chuvas que ocorrerão

Aroma mastruz em capim cidreira

Olho de lagarto empedrado

Cegueira negada semeada além da videira

Indagação cantilena amorfa do corpo *Boteriano*

Infalível sono de dedos (v)entre os fios

meada da geada do tecer de teias

pensamento silencioso do universo gaiteiro

Amor ardido na pimenta formigueiro

Espora que estoca

Chocalho das folhas assopradas para nuvens

Nuvens do universo incandescente desse nascer

Margaridas nuas das roupas feitas

em ovos nevados nos vinhos do Porto

do crepúsculo nascente ressonante

Amor amado espiralar sonâmbulo

Flores pairando a primavera

como confete de cataventos

Esclerótica cascata prometida entre as pernas

Montanha insinuante ao Universo

do corrimão e contramão

Pirâmides saqueadas de suas promessas

A mão da visão toca os estames

Flos

Mara Romaro

dos mosquitinhos esperando

o conhaque âmbar de tua mão

na inscultura insaciável orbital

escrito em lazúli lápis

fissão nuclear floral

Seres

Voadores do Céu

NECNE

|21 setembro 2022 20:20 às 23:47

Visão do mundo

confundo

o colar de pérola

minha eversão diabólica

na contramão Saturno

sono rasgado soturno

O desencanto ou não

Decantamento ou chão

Dulcamara uva-de-cão

Flor diadelfa

Lobo alfa

_ O que disseste-me?

_ O que fizeste-me?

Flos

Mara Romaro

Desnuquei para a cimalha

Céu nebuloso gritou-me

"Chapéu de palha!"

Anus brancos e pretos

'Te-vis pardais egrettas

Azulões vieram empoleirar

Os pingos nos is sirìris

Pontos finais no cais

Com quatro asas voam tenazes

Mergulham mordazes

bicos grunhidos musicais

Ondulações furtas lagamares

Degranar futuras romãs

_ Não sei pedir perdão

dessas inúmeras saúvas sem coração!

Desimantar ou não

Afeição ou pão?

_ Vais florir e despetalar?

_ Não enquanto ... são

_ Amas-me agora

na transparência estelar

nas sedas de idílio

nas parábolas de periélio

nas mãos dadas do prelúdio

plumas liriais de formol

cruas crateras de lua

na mesma hora do relógio

_ Tudo que posso fazer

seria olhar a eclosão

fuga rompante do rouxinol

_ Pois sim – Digo com petulância

Passarada a manducar

insalivar (d)a formiga insaciável

desenhando no voo a promessa

escaramuça do entardecer Esclerótica

Elegia dos siriris ascendentes

Desvalia e desamparo

Papéis crepons do crepúsculo

Fim de crisálidas

Luzes da cripta de criptônio

anunciar da primavera pálida

_ Ficaste olhando?

_ Compassiva, eu nem sei

_ Ouviste a cítara?

_ Debalde como decalque

asas decantadas angelicais

Anus pretos e brancos!

nos esqueletos da árvore

como catarata me fez deduzir

que silhuetas possíveis

tão perto ou não Inverossímeis

como colostro lambiscava

meu próprio desejo perpétuo

de azul celestial selênico de sedução

Ou somente poder tocar com a mão

Verve no véu palatino

o opiáceo de te imaginar

como anjo de asas consagradas por mim

como chumbada da primeira chuva

na argila campestre do telhado

escorridas lágrimas na campânula

pluviosa única sobrevivência rubim

de amor orgíaco relâmpago vulcânico

Necne[14]!

IPISISSIMUS[15] *MEIO-DIA*

|15 FEV 2023 11:22 | MÚSICA ETERNITY – STELLARDRONE.

A hora da amora

[14] *Necne* – Lat. Ou não.

[15] *Ipsissimus* -a -um - Lat. Ele próprio, em pessoa.

Flos

Mara Romaro

Uma chama seria acesa

nos dedos do vento

uma língua tentaria apagá-la

As folhas estáticas me olharam

enquanto novelos de lanugem

desprendiam como os dentes-de-leão

ficavam retidos nas farpas da língua

da gata adoentada no remanso das

sombras das sobras dos ombros das folhas

Eu cortava lascas de madeira

Eu abria a janela do peito

o parapeito de rendas e pétalas perdidas

com as cortinas voejantes enfunadas

O fósforo estava entre os dedos

A palha acocorada na espiriteira

A caneca brilhava ariado do aço

Folhas secas eram um maço para proteger

Clamar das espadas de esmeralda grama não fenecer

O piado soou

O flapeado das asas entre o labirinto das frondes

Procurar-te-ia no enleio semeio entremeio dos voos

Flauteando o assobio da conversa

Ele mudava de espaço interfoliar

Ele respondia

_ É você beija-amor?

_ Sou o beija-flor de esmeralda.

_ Você conhece a estrela alva?

_ Todas as estrelas nenhures.

_ Está me enxergando?

_ A primeira estrela da aurora

e a última estrela do ocaso. Quem é você?

_ Eu aqui na esperança como dança

porque não consigo temperança. Aproveito os últimos suspiros.

_ Fiu Fiu Fiu. Quero fazer ninho. Obrigada pelos néctares.

Suspiros de açúcar e sumo de limão?

Sorrio e digo sibilando. _ Não há florada amiguinho. Aonde foi

o beija-flor-de-fogo? Ontem até meu esposo viu! O suspiro

resigna do outono que avizinha!

O beija-flor-esmeralda sentado ficou na ramagem

na ondulação do galho via-se o bico abrindo

como a cantata ou emocionados olhos

ou os ouvidos que me reconheciam

ou um espírito além que me dava afago

que trazia as águas do coração brotarem

no canto nascente dos olhos castanhos

Ele piava Piava Cantarolava Piaçava!

Como sol do meio-dia

a proximidade do pulo de gato

fez-se absoluto o silêncio

Eu não podia te esquecer flor

Eu não podia tocar amor

Eu riscava o fósforo que o vento soprava

_Feliz aniversário espelho do tempo! - Uma espira de fumaça sussurrava

A chama ardeu a bunda da caneca de alumínio

Eu abraçava os aramados dos Zeus cabelos com mindinho

Eu circundava tua aura das cores refletidas

Cachoeiras das nuvens que não são semoventes

Derramar de teu coração em meus lábios sensientes

Como Ibur [16]de um instante para todo sempre

Consigo te ver sem eu estar aqui

Como um flash que transpassa do Sol

A mesa do meio-dia ideoplastia[17]

Salinas da fome

Salivas de beijo

Sabores de Sidarta[18]

Sem moedas e sem promessas

O brilho dos talheres

Os vapores soprados da panela

Os amores que perfumam impossíveis

Somente me achego e inspiro essa flor de brilho

Somente eu descubro as especiarias do sonho

Somente eu teço sonhos dos sonhos

Somente eu sei que te acarinho no ninho

O coração badala as horas

---

[16] Ibur – Kabbalah – Gestação espiritual, interrelação das almas.

[17] Ideoplastia – Ideoplasty – faculdade paranormal atribuída ao pensamento segundo o qual este pode exercer uma ação direta sobre a matéria. – Tema adicional das costelas do livro 'Phasma' não incluso pelo que sei, que adentra o tempo futuro àquele como um poder de transmutação, um poder capaz de vencer espaço e tempo e restabelecer, entre essa unicidade.

[18] Sidarta – Príncipe Sidarta, aquele que realiza todos os desejos. Relacionado a Buda.

Flos

Mara Romaro

A gata sofre tossindo bolas de fios de neve

O céu esparrama a champanhe dourada

Aqui e agora eu te amo em meio-dia

Abafo o fogo que morre

Cinzas rebatem em minha camiseta de candura

Eu estendo os braços através do meridiano

Eu me pergunto se me enviaste um beija-amor

Eu me choro entre sorrisos

Enxugo lágrimas nos lenços nas costas das mãos

E tempero as iguarias que raramente possuo

de cristais do coração

E não sei responder mais de paixão

Não sei quanto brilharia os afetos os amores

nesse lindo mantelete de Granada

no Sol do meio-dia Alhambra

entre churros mergulhados no chocolate

entre salivas de sorrisos entre ancestrais almas

entre dourados feixes de luzes incandescentes

Eu *meio-dia-te*

Patas entre plantas na terra
DORSO DE GALOPE

|03 julho 2017 | Caderneta Tetragrama | Texto perdido, não aprovado.

Essa sou eu

que corro

montada

dorso de galope

corre trote

disparada

desembestada

galope de cavalo

galope de orvalho

galope molhado

diretamente no desfiladeiro

diretamente ao peito

diretamente no pulso

galopa forte

Só seu som existe

imerso

parado

do meu coração

nesse cavalgar

Membranula

Inflorescências

NATUREZA

EVAPORAÇÃO EM LABIRINTOS

| 28 JULHO 2022 21:41| MÚSICA DEINE WEGE – THOMAS LEMMER.

Chuva seca cega a rega

Turbilhões ouço no desmanchar

cabelos da noite que desprega

Durante as dores dos rins

Durante os piados dos cupins

Voam asas Querubins

Voam casas Será fim?

Voo as matas entre asas

Voo nos labirintos do ar e cascatas

do vento e da fechadura das estrelas

Escorpiões soterrados

nas ampolas

nas flores amapolas

areias de ampulheta emperradas

Escorpiões e serpentes invertebrados

Enfatiotados de sedas do céu

e mistérios do ápice da noite

Flos

Mara Romaro

As montanhas de pedras fendidas

são atingidas

da alva cor azul esmaecida

nas teclas de piano amargurado

como neves nunca acontecidas

As montanhas que se

engolem nas fendas

do tempo passado

da morte amortecida

em tecidos enfeitados

Céus falsos Crepúsculos negros

Visões ofuscadas de uma luz

recém-nascida

Não sei Se a cegueira me atinge

Não distingo a ausência e presença

tua como uma lua caída

na alma leve neblina da madrugada

Já me encanto do canto

o som do guizo sozinho

na soleira da escada

Um louva-deus Um grilo malcriado

Uma voz que me diz

se dirige ao meu seio

Flos

Mara Romaro

feito do leite derramado

a chuva precipitada

que se fere na pedra

no espinho contorna

na erosão se espuma

eclode voz do coração

Como constelações de gelo colorido

Ilusões dos fenômenos do Universo

esquina da quinta dimensão

A chuva eclode

lágrima de sal

como cristal de rocha

miniaturas de torres andaluzas

emitem seus gemidos

sangrar do tocar dos dedos

a solidão cancerosa

em adagas transforma:

uma partícula de dor

uma gotícula de silente

fio de sabre inocente

sangue derramado insignificante

justiça que morre a cada instante

Tempo que grita

àquele que vomita

no meio do trânsito infame

Como nuvens de transpiração

Como lagos e rios

em voos de arrebentação

A foz é o sentido da voz

A brisa é o sentido do gesto

A afta é a ferida do não

Olhos secos erodidos

são fim de evaporação

Dentes de riso Amor incrustação

Pupilas pedaços da noite

de amor recordação

Cabem Cabem na memória brilhos

Sobe Sobe um balão vazio

queimando a combusta

em névoa chovida de sentimento antigo

CÂNTICO DAS ROSAS DO DESERTO

|11 abril 2023 1:29

Com todo meu coração

Senti a veemência do diapasão

Os riscos de sabre ensombram espadas de vento

São os gritos mudos das rosas dos lenços

Os olhos revelam as areias cortantes

Purpurinas assopradas dos cumes dos lençóis vazios

Como uma ponta seca

O furo que corrói o centro

Das pernas que valsam o balé

As piruetas levitantes e os suspiros aspirados

Cortante que segrega o fio do nervo

O canal latejante dos ventos ferozes

O amor dos amores algozes

Aquilo que não te cura

A ponta do compasso perfura

Perturba a dor do amor

nos cânticos do lábio de beijo evaporado

Tanto ferimento em cada vez que descubro as adjacências

Da voz encoberta do coração puro

Flor petrificada em beleza perdida

A imensidão das adagas das irradiações

A queima das chamas invisíveis das perturbações

Tempo que emite o sangue em forma de cristalino

Líquido que corre evaporado

Incessantemente levitante

Flos

Mara Romaro

Feito um lenço com um feixe de luz

Que esvoaça sem destino pelos areníticos sóis dos nós

Dor que transpassa o furo da agulha seca que dança

das pernas que alçam voo entre os cortantes sorrisos

da vertiginosa queda em inflamada dor de olor de amor

Entre os vidros que rebatem o vidro na tempestade

Das lágrimas secas de luzes que derramam infindáveis

A cachoeira alva de ar em poeira de cisco que rasga o epicentro

O centro desse compasso perfurado

No nervo do dente putrefato

Na queima da lesão aparente

Que não se afasta do sol dessa incineração

Dor a dor a dor amor adorado desse sofrer

sofrer o morrer extasiado

Dentro das lâminas prometidas

das rosas que sangram salinas

que brotam oásis

que derrotam os sonhos

que enlouquecem as miragens

que ferem com serragens

me cegam em ciscos as fuligens

que me perdem em viagens

caída dos ares das penas da altura

da alvura

da candura

de tanto te ter amado

Campestre
RODA D´ÁGUA FIM
|19 julho 2022

Andarilha luz no passo em que andei.

Nas clareiras relvadas do olho d'água; eu podia refletir seus antigos brilhos e audácia em recordar sua sinuosidade.

Mas não era dele, o riacho, o leito que a terra preparou no acaso de sua inclinação.

Não fora um despacho ou uma ocorrência premeditada.

Era nascente inocente e parda.

Era fluente no ápice da gravidade.

Quem não queria pôr cabresto em sua passagem?

Por jovialidade mantinha em si estreita eficiência e velocidade que não precisava volume nem grito nem asas nem nada.

Era o cristal líquido a força motriz de passagem.

Então, não o monjolo, mas a roda. Não é catavento, mas o moinho. Em marcenaria polida bem encaixada. As caixas e pás seguiam escavando e derramando a água furtando sua queda como fraga.

Muitas e muitas sementes ao pó nas volutas d'água sem represamento.

Muitos e muitos sóis e luas na abrasiva cor da estiagem.

Se por um lado

vens não vens

à pé ou de trens

se ao aclive não há escoras

suficientes do retorno aquífero.

Aos anos; Às águas as ranhuras se fazem presentes.

Aos fungos; À idade fendas irreparáveis.

Partiu-se o eixo.

Tombou na água

O gemido se cala

Naquilo que é perene

além da mágoa:

Curso de rio. Curso da água.

O estado que líquido

evapora e se condensa

no que restaram das clorofilas

das minhas paragens.

Assim pois foi o fim.

Assim eu sempre toco veio de água.

MOINHOS DE VENTO

|28 julho 2022 20:57 | Em meditação '*native indigenous bamboo*' | pós fim roda d'água

Ululante rajada de um céu cegante

Romperam as tramelas das janelas

O circundante medo de véu semblante

Pás viravam um girassol elefante

Moíam as areias do sol dourado

Suor Sofrer Doer o amor esfaimado

Roda d'água partiu ofegante

Roda de fogo carbonizou amante

Roda de vento libertar triunfante

Dos pássaros de asas vermelhas brilhantes

Do voo da sustentação abraçado intrigante

Do rumo da rota de amor interessante

O LUGAR DO FOGO

| 21 junho 2023 | Ao amigo literário que não conheci em quem penso. Eli.

Se há um céu, este, que meus dedos não tocam, e queria ao seu dedo desenhar, que suas mãos pudessem tocar, transpor a barreira do espaço e fazê-lo sentir a textura das gramíneas e os percalços do dia, talvez com ar cômico, aquele riso que prendemos nas agulhas das lágrimas e que escapam como moleques de rua para apontar os dedos para nossa completa ridícula cara. Mas, rir de mim mesma, pela inglória tarefa de me preparar lugarejos ocultos no meu jardim, com ar secreto e velado onde caiba a minha escrita, e que dela não precisasse queimar.

Bem verdade, amigo que não conheço, penso em sua trajetória, as tintas de todas as cores da sua caneta, a emoção traduzida nos gestos da escrita e imagino seu ar gracioso e exultante, como um berloque que me diga, tudo pode ser! Sim!

E nessa rampa em que manco, essa escada que me deu tombo, e nessas plantas que constato, as folhas brotam, amarelam, caem e brotam. O rastelo dos farelos da vida, nessa busca incessante das respostas, do sentido, das placas que me levem na alta montanha que avisto daqui nesse pequeno jardim de inverno.

Qual o quê! Uma poltrona velha, mesinha revisteiro em imbuia, era de mamãe, com uma luminária velha e oxidada, nos remendos do fio em minha restauração, para um relógio que vira o ponteiro continuamente, e a plantinha suculenta me desdenha a mão que não faz crescer as plantas.

Devo dizer, me apresentar. Sou bem desastrada. Os tropeços conheço o som do prenúncio. tenho uma gargalhada que eu mesma me orgulho. Aqui atrás da porta envidraçada o coqueiro me acena escondendo a Serra do Itapetinga. E nela pensei em convidar para essa caminhada. Fiz sozinha enfim no ano passado. Orgulhei à toa de mim mesma. Afinal são sendas íngremes comidas pela erosão e algum grasnado indefinível. Talvez eu delirasse, talvez quisesse tanto ouvir as vozes de Deus e não do destino, esse ser meio antagônico, insolente, tacanho e por vezes só um menininho.

Perdoa-me os erros, são sistêmicos, inerentes, tropeçados desde as teclas da máquina de escrever.

Aqui passei o ontem queimando os restolhos do rastelar, casca do coqueiro, coisas que guardei para esse dia Machaq Mara, solstício de inverno, pensando em encenar os momentos que idealizei no Diário de Navegação (do livro Confissões do Absurdo), um itinerário impossível que inventei para curar a mim, as feridas e as amarras de amor, das armadilhas que a vida prega, o descompasso e distanciamento, a navegação no mar de solidão. Um ar eterno gélido vem com os primeiros ventos do outono, não acha?

Pois eu antecipei a queima natural para hoje queimar papéis que guardei para um arquivo pessoal íntimo, arquivo F, onde tinham e-mails impressos, cartas, rascunhos até de conversa pelo telefone, uma carta final e futura, desenhos para o dia de reencontro, rascunho de antigas cartas, que foram centenas, em algo que se fez estrada de vinte e três anos.

Sei a dor e as angústias. Sei a falta de ânimo de entender os sentidos dessa vida literária, cheia de provações e escárnio da falta de leitura, e das agulhas em palheiro que tudo parece acabar.

E hoje queimei essas cartas velhas, as palavras se apagaram em carvão no meu lugar do fogo, onde a transcendência mostra bem quão rápida é a vida, e inexorável a transformação. Nela me apego. Um fio que sobre a fumaça, desaparece no céu azul puro. Esse que contorna a montanha, os pássaros, os sons que habitam, a vida que permanece.

Não poderei apaziguar meu coração porque sei da minha vida, desse afeto, das palavras que *erupti* (obviamente esse termo não existe, mas foi assim, ele diz) em escritos, poesias perdidas por aí, esquinas de algodão, em canteiros em que crescem os girassóis, nas águas que passam na sarjeta anunciando quando virá a primavera.

Se há um ar melancólico no outono, caro amigo em quem penso, há muita coisa escondida, eu confesso que vi no meu jardim, um saci que se prepara para ser uma estatueta e rir desde os braços do meu pinheiro. Animais de madeira que balouçam com o vento e vencem os vendavais. E amar é essa supremacia da vida, uma desgraça deliciosa em tantos escritos que podem fazer uma planta que dá frutos de casca rubra e de sabor das areias e oásis assim juntos no sumo da lua.

Então querido, abrace você desde os cabelos de menino colhidos pelos dedos de sua mãe, lá na infância da infância, e não apenas se perdoe, jogue os pés para cima, e realize algo que seja você! Siga sem se cobrar e corrigir, não se coloque em régua, até porque nessa métrica sou bem baixinha. Gargalhe!

Teve um tempo que meu projeto foi cuidar de mim, foi reaprender, foi encontrar quem eu era lá no início e fazer do meu dia coisas inusitadas para suportar. Suportar as rondas da depressão.

Todo momento isso é delicado. A flor despetala. O tempo é adaga. E a vida poética é sem igual. É um primor! Uma benção maravilhosa para acender como fogo e iluminar as noites frias das almas resfriadas.

Se eu pudesse convidar, se pudesse estar aqui, eu poderia fazer um café, talvez ao lado do lugar do fogo, num bule ao estilo cowboy, ou na Bialetti, ou em um coador, ou sem isso, tantas vezes refiz esse caminho, como se isso iria me permitir estar com meu afeto F. Não permitiu. Tentar foi uma linda história sem fim, do voo de beija-flor, canários, aves migratórias.

Sabendo quão longe estamos, estendo minhas palavras, tentando me reacender, tentando suportar ver as palavras que escrevi outrora desintegrarem na carbonização do papel sulfite, entendi que isso houvera sido uma etapa na jornada, e que os livros que escrevi, escrevi, o sentimento nunca poderá ser morto, tal pessoa não desaparecerá jamais, o amor vence muito além das rimas. Numa espécie de dança invisível nas fragrâncias e esperanças, nos contornos do jardim, nos recônditos dos pássaros, nos amanheceres que ainda descobriremos, o amor será esse pássaro divino, nos iluminando! Creia!

DESIDERO[19]

|21 jan 2024 20:21

Desejo que o seu

desejo deseje

o desejo que desejo

desejar

Almejo a alma

que almeje o amalgamar

Amar que o amor

ame estar

Êxito que a

exigência exija hesitar

Estelar o lar que lá

deverá estar

Junção que o trovão

ouço rasgar

Céu que range a boca

que encerra as palavras

Véu o ver de haver

A oca oca da horta

Oca de tocar torta

O nunca que minha

nuca eu não sei

Ensino o que ensine

[19] *Desidero* – as, -are, -aui, -atum – Lat. – Deixar de ver, sentir a falta de, ter saudade de. Desejar, esperar, buscar.

a insígnia

Arvoredo Arvorejo

Ar de desejo

O seio do nosso lugarejo

Relampejo e vejo

Desfecho e reabro

Os ventos que desfolham

páginas

Átimos e pátinas

Deseje o cádmio diafragma

que arda essa

cor imaginada

VENTOS DE JACARANDÁ

| 5 JAN 24 | JARDIM, RETIRO DAS FONTES, SOB JACARANDÁ MIMOSO.

Perpassa o espelho do sol

A sombra que farfalha

A chuva de ar frígido

O chá Lady Grey

Ventos bicicleteiam

entre minúsculas folhas

O céu que me toma nos braços

Flos

Mara Romaro

Azul dos azuis

Saguis dos sabres

Somente o vento

O Sol que me ofusca

As nuvens que deitam montanha

As asas que sossegam

Os bicos que escalavram

Os passos inaudíveis

Novo tempo me apoia

como um umbral que

me sacramenta

Entardecer em meu peito

Os cabelos perpassados do

forte vento

Sem mais os focos

dançarinos da alma do fogo

as borralhas que encerram

tições das lições

Um brado do ferino furacão

das cinzas desfeitas

franjas descabeladas

e olhos tomados da pupila

das hipnóticas ilusões

saltando como um fantasma

sobre as pedras da realidade

Aqui no espelho

da cegueira do Sol

nos abraços das folhas

Musgos gramíneas

despetaladas palavras

que abraçam os

espelhos do pôr do *sou*

nas vidraças abaixo da pedra

colossal

Antigas adegas da cidadela

Pergaminho no bolso

| 6 Outubro 2019 | Carta ao escritor

O bolso

meu pedaço de deserto

eu levo e jogo a

areia

Minhas unhas se

entranham

Ah as pedras e

as bolas de gude

ou minhas mãos

em furto

Moeda dourada

Eu amo esses vazios

que matam, extinguem,

gemem e andarilham

as flores

No bolso as sementes

dormentes

ESQUINAS DE MARFIM AZUL LUNAR

|13 abril 2023 0:11

Em que partícula de fumaça...

Em qual esquina o rosto se dobrou?

Em qual lágrima esqueci ?

Tantas roupas

Coloridas Estampadas

Cozidas Esgarçadas

Em qual tira arrebentada

Em qual furo o fio se descosturou?

Quantas vezes aguenta

o remendo na corda do varal?

Em qual multidão

o rosto se derreteu?

Em qual corredor eram

os passos de pêndulo

que você deu?

Flos

Mara Romaro

Qual era a pergunta

a que respondeu não?

Onde era esse

caconde do bolso

aonde os óculos

foram esquecidos?

Quanto meu pé escorrega

no chinelo daquela ladeira?

Quantas vezes nasce

a mesma praga no

mesmo lugar do jardim?

E aonde a lua luz

se ensombrou na

cratera invisível daquela

lapidação do azul?

Aonde o monte encerra

as nuvens róseas da tarde

quando passaram as

devastações das chuvas?

Quantos dias e passos

essas interrogações espetaram

novos centros ao

compasso das dores?

Em qual estampa amarrou

seu patuá minha criança?

Em qual elástico

Flos

Mara Romaro

arrebentaram seus fios de

cabelo?

E por que porquanto

pingou em conta gotas

as pupilas que

sugou de seus próprios

olhos a desperdiçar

em um chão qualquer?

Ainda tenho o lenço

que sequei o rosto

de meu pai quando

morreu Lavei sua

última derradeira dor

Em eternos dias sigo

recobrando os timbres

das vozes amadas que

emudeceram

Onde pisa a

circunferência repartida

nos passos de um rumo

sem sumo?

Em qual areia perdeu

o brilho do seu brinco?

E por que cargas d'água não veio?

Por que não veio

em tantas músicas que

Flos

Mara Romaro

me embalaram como

se nina uma criança?

Sem nada Ninguém

nem mesmo o peso do ar

A dança me discou

o telefone

A garça voou no espelho

adormecido do lago

Somente eu vi

Aquela sua lágrima oculta

Eu vi

Seu rosto que dobrou

nalguma esquina

Sua voz Ouvi Disse

meu nome dormindo

Sua mão se esticou ao

mar como se tocasse

minha pétala de amor

Eu senti

Senti como um arrepio inexistente

(E senti suas aflições)

Como inequação

Como o valor impossível do pi

Como as crateras ou

porque a música me faz ser

Ou porque nenhuma

pergunta se possa responder

Uma carta seria um

beijo mordente Seria

um afeto que se faz

passar por borboleta

e se transporta

(E tem permissão de entrar pela fresta da porta)

E diz além dos espelhos

as esquinas por que

espreita algo que em

seu coração é tão-somente

eterno tão incrível e

indecifrável que lhe

faria parecer louca e

por isso esse algo é

realmente a única coisa

somente sua exclusivamente

secreta e de substancial valor

afetivo e terno

Finalem

ALMOÇO DE FILATELIA

|16 set 2023 14 –15:21osseus e quaerere, gemma 17:42

Fastio felídeo minha saliva famélica

fetiche das papilas gustativas

tez reversa do selo goma arábica

Uma fúcsia na falésia

as costelas desnudas do faquirismo

Flor falsa-glicínia

dedo que sangra a fisga

banquete fastuoso acende a borralha à faísca

numa fagulha

Selo da Viola delphinantha[20] em fenecimento

Prepara-se o feldspato O fadário

Espreguiçar do feitiço

finíssima finura da fécula

Fisionomia do Centenário de Vinícius de Morais[21]

ou esfinge de Nikola Tesla Relações diplomáticas[22]

O som do fagote O falatório do pássaro falante[23]

As fábulas de La Fontaine

Comida no fervedouro Selo colado mergulhado

Pinça as notas do fagote ou pífaros do selo de 1978

Faceirice do selo *Vacunación derecho de cada niño* Peru

A fatiota no feijoal dos selos de primeiro dia de circulação

Ao toque filigrana como fustão

---

[20] Selo filatélico 1 – Grécia – Viola Delphinantha 1978. – Coleção filatélica pessoal.

[21] Selo filatélico 2 – Brasil - Selo duplo Centenário de Vinícius de Morais 2013 – Coleção filatélica pessoal.

[22] Selo filatélico 3 – Brasil – Selo duplo Relações Diplomáticas Brasil Ucrânia 2013 – Nikola Tesla.

[23] Cito um conto da coleção Fantasia, conto árabe cujo olhar ao pássaro transformava as pessoas em pedra.

Eu pensava nessa fístula fossilizada flamejante

Flagelo de nossos corações

Os ossos de Fossilien Budepost 1978[24]

Em *fountain pen* escreveria o feixe

florão na capa e contracapa

O fenótipo de amor da serrilha rasgada

Os 150 anos da cruz vermelha[25]

Os garfos se alinham à cruzada da toalha

O fermento ornamento flórido

Flavonoide eclipse fascinante

Poema de feitio filiforme futurista dissonante

Fulgência dessa urgência abrangência

Selo esportivo da Iugoslavija 1960[26]

uma marca d'água frumento furta-cor Fathpur Sikri

Amor à Faustina imperatriz fecunda febrífuga

Fac-símile coração

Fundente jantar à luz de lamparina

Selo *Americas light will shine*[27]

Como gratidão abençoada como fiúza evocada

pelas Salesianas selo de centenário da morte

Maria Mazzarello[28]

---

[24] Selo filatélico 4 – Alemanha – Fossilien 1978 Deutsche Bundepost – Fóssil.
[25] Selo filatélico 5 – Alemanha – 150 Jahre rotes Kreuz 2013 - Deutscheland
[26] Selo filatélico 6 – antiga Iugoslávia – Selo Olímpico de 1960 modalidades.
[27] Selo filatélico 7 – USA – *Americas light will shine over the land* – Lamparina.
[28] Selo filatélico 8 – Paraguai – Centenário de la muerte co-fundadora Hermanas Salesianas – Maria Mazzarello.

As estruturas do selo José Alencar 1978[29]

E com o lábio inferior uma marca fica no selo

O envelope dos correios a ser lacrado por um filamento

Antigo filiar agora funículo rompido

Uma fatoração Fatum

Assoprada por Favônio funâmbulo

E não sei se caio ou flanquear

feroz frisson fréon

Futuroso selo vermelho de energia

Nederland 78[30] fusão

Fervente os filamentos unidos da filatelia

Ilha da Madeira[31] Aroma funchal

Fundeadouro da minh'alma

Frutescência na trompa de Falópio

Fiar da faca Faro do fermento

Fustete

Cor do faisão Abelha uruçú amarela[32]

Favo de céu

Pulsar de ventrículos fantasmagóricos *Gloripallium*[33]

A sobremesa farófia festim

nas conchas jardins de flores

derramadas das cores do falcão famélico

Farpelas do *ficus*

---

[29] Selo filatélico 12 – Brasil – Tetro José Alencar 1978.
[30] Selo filatélico 9 – Nederland – Verstandig met energie 78.
[31] Selo filatélico 10 – Portugal – Veículos postais Ilha da Madeira.
[32] Selo filatélico 11 – Brasil – Folha – Abelhas brasileiras 2015. Selo Uruçú amarela.
[33] Selo filatélico 13 – Israel – Gloripallium 1977.

fartamente umectadas dessa fantasmagórica fascinação

O selo fundamental não possuía

A filigrana do fatalismo

A fecundidade feérica

ficção do fêmur fíbula

fibra ótica fusível

fantasmática fenícia

fulgurito fumê

(carimbo de data 16 set 2023 17:42)

Ilhas

Orvalhar cordão de fogo

|5 ago 2023.

Negar-me

é apagar a meia luz

ser meia sombra

vento noturno

uivo sangrar cristalino

Sua garganta sufoca

negar olhar

tocar a verdade

Doar-se sem doer-se

Achegar-se é rebeldia

de cabelos livres

Flos

Mara Romaro

de esquinas da eloquência

esquecer de maternar

negligenciar o mulherar

Amor sem enumerar

Negar-me é

dizer-se ecoar

Chama

junção dos fogos

dos jogos de vermelhos

das destruições vulcões

Celeste

Escritos no firmamento

|20241030 19:48

Lembro-me de ti

como as brancas garças

adormecidas nos brilhos

das estações represadas

Sorrio sibilando em si

silêncio da precipitação

como lágrimas

de emotiva constelação

Piado em beijo

Flos

Mara Romaro

do guardião verde do ninho

orvalhos petrolíferos

circundando em esgrima

meu ar de abandono

Beijo de ti um piado

Um grunhido aspirado

do arfar de olhar perdido

nos segredos sob cinzas escondidos

(Locomotiva à carvão)

Olho-te o Sol nascer

em tua boca vívida

como calda de um cometa

advindo

que precipita (n)o precipício

que me reinstale

o mergulho de infinito início

(Gametas)

Toco os braços de teus gestos

nos riscos de asas de aviões

como gizes que desenham

sem dizer palavras

os céus de partidas

e chegadas

(Congadas)

Flos

Mara Romaro

Toco teus sentimentos

ocultos manifestos

Vejo ainda os mesmos

en-si-mesmos brilhos olhares

(Quasares)

Vejo como gaivotas que

jamais vi

Vejo como maritacas negras

vestidas de veludo celeste

num dia sorriso

corrido em discos solares

Como se fosse uma

carta escrita com

as penas da noite

e coração da madrugada

(estrel'amada)

inventando uma coruja roubada

Amo-te contornos silhuetas

brilhos sombras estatura

os traços irreconhecíveis

de ti que adivinharei

em orgia de ternura

Lua face de amor

com eternidade despe tessitura

revolvia as areias

pulverizando luzes imprescindíveis

no borboletear da revoada de reencontro

Que vente os cabelos a soprar

do meu convite

Um colar das órbitas amarradas

dos satélites dos planetas

cores gaseificadas

nesse colar de amor de pérolas

ZODIACAL

|20241030 20:05

Sobre as espadas de gotas

do gramado deitei noite

_sendo faquir

O céu descortinou-se

das estrelas ocultas

Desfilando a aguilhoada

_ da cauda de Escorpião

Unindo em luzes um

corpo vulturino

que congrega os doze

_signos

quase adentrando

o advento do Sagitário

Em riscos unidos o

teu corpo flana

plana acima do meu orvalhar

Sadachbia Sadalsuud[34]

O sono entorpecedor

cega os olhos e silencia

Nenhuma formiga trilha

Nenhum sanhaço no sargaço

Não cai nenhum coquinho

Folhas palmeirais

rezam em posição de asas

de anjos

em musgos

Teu corpo paira

sobre mim

Tocam-se narizes

peitos joelhos matizes

Odores calores

filamentos de irradiação

despertar de vulcões extintos

[34] Estrelas da constelação Aquarius, Sadachbia, Gama Aquarii, do árabe 'sa'd al-akhbiya, que significa 'estrelas da sorte das tendas'. Sadalsuud (Sad es Saud, Sadalsund, Saad el Sund) – Beta Aquarii – na verdade são estrelas agrupadas, estrela dupla. N.A. Seu significado é prevalência da idade, ou do tempo, que não posso ter certeza.

Flos

Mara Romaro

Borboletas de vidro

tilintam as luzes refratadas

dançando e se reunindo em baile

transformando-se em pétalas fundidas

Dos sirìris elevam

serpentinas de luz e

corujas de cristais de

estrelas caídas

Meteoritos *Satyrion*[35]

Meu corpo regira

o entorno da constelação do tempo

As estrelas nos tatuam

com o fulgurante

exuberante inexistente

Um mistério dessa fé

As cores rosadas das *blueberrie*s acesas

nesses diminutos vaga-lumes

Enfim os rostos

se emaranham de seus

_ diademas

Ainda que eu adormecesse sozinha

o céu interiorizava

nas abóbadas de cada Zeus

---

[35] *Satyrion* – Lat. Satírio, espécie de planta alucinógena. Bebida preparada deste.

luzes púrpuras e

signos vulcões

Acendendo Ascendendo

o fogo *insubistancial*

em algo único

invisível aos nossos olhos

nus

visível dentro dos

corpos celestes nus

Uma estola de

morno pelo avassalador

Al Nasl[36]

Filum[37] Flammeus[38] Firmamentum[39]

|20250213 1:34 | anotado originalmente na caderneta Enchi-o-saco, e Sensibus. Entre parênteses, lê-se em sussurro.

Voo

Meus olhos tocam raios

---

[36] *Al Nasl* – estrela Gamma2 Sagittarii, perfaz a ponta do bico com estrela Gamma1. N.A. Do árabe, Filhos, formado do árabe nasala, que significa procriar, gerar, e também descendentes.Também encontrei o significado lâmina.

[37] *Filum* – i Lat. – Fio, cordão, fio da espada. Enredo, contextura. Linha, traços fisionômicos. Figura, traçado. Forma, arte, natureza.

[38] *Flammeus* -a – um Lat. – Brilhante de chamas. Da cor do fogo.

[39] *Firmamentum* -i Lat. – Apoio, esteio, suporte, reforço. Prova, argumento. O ponto essencial. Firmamento, céu. "As filigranas flamejantes do ponto essencial; Fisionomia brilhante do esteio... ". O fio da espada flamejante do firmamento, ou talvez a imagem da espada de Uriel se refletindo no intrincado das ondas do mar.

do Sol noturno Lua diurna

Flutuando no mar de você

Quase tocada pela maresia

que orla

nas brumas de sedas tingidas

.

As plumas chuvas em brilhos

As ondas espumas de sombras

O voo noturno dessa minha

_extinção

O toque profundo de imensidão

Como furtivo pássaro ácaro oco

_ e topázio

(As plumas chuvas em brilhos

As ondas espumas de sombras)

Fustiga a ventania rasante

Transcorrer anoitecer

as estrelas que opacas boiam

lanternas de papel crepom

rabiolas de arraias

constelação de estrelas-do-mar

(As plumas chuvas em brilhos

As ondas espumas de sombras)

Vozes de sua arrebentação

Silenciam minhas asas de fogo

do alinhamento planetário

de luzes *pupulae*[40] projetadas

de uma navegação à deriva

nas linhas iluminadas de Santelmo

Flammeus

das cores corais gelatinosas

das emanações gasosas

das ruas e faróis

semáforos freios derrapados

(Rutilação batipelágica de Santelmo[41])

Dentre cabelos molhados

das tormentas tuas

Dentre os fios esgarçados

das escumas esfarrapadas

Dentre mistérios naufragados

e sereias brilhantes

entre o verde e azul

nessa indecisão *pumex*[42]

de onde

se fisga o peixe num mergulho

(Rutilação batipelágica de Santelmo[43])

---

[40] *Pupula* – ae Lat. – menininha, mocinha. Boneca. Pupila dos olhos, olhos. Na forma plural.

[41] Rutilação é o resplandecer das luzes de Santelmo, efeito de bioluminescência nas nuvens, entretanto batipelágico é ser relativo ou estar numa grande profundidade do mar, entre mil a quatro mil metros. É a significação da enorme amplitude, nessa contradição.

[42] *Pumex pumicis* – Lat. – s.f. pedra-pomes. Pedra porosa. Pedra, rocha, rochedo.

[43] Rutilação é o resplandecer das luzes de Santelmo, efeito de bioluminescência nas nuvens, entretanto batipelágico é ser relativo ou estar numa grande profundidade do mar, entre mil a quatro mil metros. É a significação da enorme amplitude, nessa contradição.

Não sei se incendeio

brilhos nas sedas e jades

Brilhos da profundeza

do crepúsculo carmim

(As plumas chuvas em brilhos

As ondas espumas de sombras)

Jardins submarinos

Evaporação

|05 ago 2023| caderno Sonhos

Mescla faiscante

flamejar apaixonante

Luz rasga a noite

Seres dissolvidos

nos veludos azuis

inextinguíveis

Você é a consciência

tempo – alento

sombra passo tropeço

eixo seixo beijo

silêncio do mar submerso

transposição da imagem

toque anêmona

Flos

Mara Romaro

dança fluente

idioma extinto

Você aparente

Amor transparente

sedas turquesas

revelações transpassadas

corpos suados

corações reencontrados

Você

imagino

como tambores tocados

palavras salivas

fome turmalina

brilhos opalinos

engalfinhares felinos

em aquários marinhos

Ardentia

Os meus cabelos perdidos nos petróleos da noite

assoprados nos hálitos hortelãs das anêmonas

O céu que se quebrava em constelações ametistas

No fundo dos recifes dançavam com a bruma

os diminutos braços violetas fruindo do murmúrio

Flos

Mara Romaro

As ondas cristalinas e os manguezais no emaranhado

de cabelos e eiras no negrume abissal

Garças e dobraduras de sal

Lua oculta na cama sutra orbital

Doces cambraias de filamentos algodões

Os pés fincados na beira-mar

Horizonte marinho desenrola a estore

Uma tempestade anuncia o surdir da fosforização

Vento de embuço como embuste

de meu desejo vetusto

Ver-te verter o vértice undívago

Surdir na jusante interoanterior

Como gerânios acesos

Arrepios irradiados na escalena

Como um buquê de flores

paira por sobre as pepitas quebra-mar

Marrons ásteres e girassóis

Cataventos girando em braços terracota

Meu abraço Um deque de vidro

Desfazer os torrões do corpo

as mãos como as cambraias brancas das ondas

que com minha mão entrelaço

as conchas em unhas

Esse corpo que se desfaz num bando de pássaros

Bruma de spray das ondas

Em uníssona evolução em mandala

Curruíras flamejantes com douro

aceso como sol adormecido

Eu caminho nas nuvens doces

o ciciar das bocas em salivas

como a ardentia das algas marinhas

o olhar tornado manumisso

O tocar das minhas mãos invisíveis

Cristais dos olhos das corujinha-orelhuda[44]

_ Ouça-me pérolas pétalas emergidas!

_Desejo o candy dos teus lírios dentes!

Uma capa de escamas das asas libélulas

Patchwork em coloridos vitrais

O beijo de ardentia da fosforização

algas submarinas em luzes venustas

Forma-se uma nuvem de mariposas de camafeus

Os raios dos céus nos véus de Zeus

Pode sentir os perfumes nas frestas

arestas entrelinhas lidas dos meus cabelos

estépico de estrelas lantejoulas violetas

que decaem no enfunado do falucho

a exceler

correndo as condensações pluviométricas

em saltos *développés* nas descargas elétricas

Azul prismático da orla acesa

[44] Corujinha-orelhuda – *Otus watsonii.* Coruja brasileira do Mato Grosso, Pará, Amapá.

Flos

Mara Romaro

Esse duplo filamento espiral

Nó de escota

Brilhos extantes sobrenadam

as marés e os luares

as peles e os lugares

tocares e aprazeres

Vergéis e pessegueiros

Flores fosforescentes em *lily flowers*

Cânticos cachecóis

Curruíras Rouxinóis

Desejo tocar

A boca pétala das flores marrons

Rosa-da-Montanha

Lantejoulas multicoloridas

Céu profundo de arco gótico

Do ponto de fuga

Olhos de fogo Blazar Markarian

Nos ventos fortes fios pergolados

Rosto perolado Olhos interconectados

Ardentia

Flor púrpura (t)ardia

|07 DEZ 2023 17:53 | ALGAS BIOLUMINESCENTES E O EMERGIR DAS FLORES DE CORAIS VIOLETAS PARA MEU ABRAÇO.

Germinatio

Germinatio[45] Sancte[46] Mysta[47] Myropola[48]

|20250218 10h preparo| 11:40 13h | germinações do tempo -a ciranda dos dias. Dedicado a mamãe.

Tandiu[49] as madeixas tresnoitadas

em garbo a espartaria em sopro cálido

Um flapear resplandecente

Como uma Raven[50] permanecia no sonho

no decorrer *longum*[51] um hálito

da nuvem que se formaria

Na última brisa de algor

Piavam *Turdae* e *viridigasters*[52]

Ubi [53]*Germinatio* os espirais braços

_de fulgor

Naquele Aquele momento ampulheta

---

[45] *Germinatio*, *germinationis* (germen) Lat. – Germinação, rebento.

[46] *Sancte* (sancio) Lat. – de modo sagrado, inviolável. Solenemente, religiosamente, escrupulosamente. Honestamente, lealmente.

[47] *Mysta* -ae Lat. – O que é iniciado na prática de mistérios.

[48] *Myropola* -ae Lat. – Perfumista.

[49] *Tandiu* Lat. – Tanto tempo, há tanto tempo.

[50] *Raven* – Criatura lendária, corvo. St. Vicent teve os corvos que guardaram seu corpo, Cabo de St. Vicent. "Kanisah Al-Ghurab", igreja Tulugaak, Criador. N.A. Por interpretação, criatura que transita entre os reinos da vida e morte, que se conserva no limiar da imortalidade ou de seu fim não liberto para o reino da eternidade. Significa um elo entre quem morreu e através de mim perpetuou as suas habilidades espirituais como herança. E que cônscia me preparou para isso.

[51] *longum* Lat. Durante muito tempo, há muito tempo.

[52] Turdo fêmea e beijas-flores *Amazilia viridigaster*, beija-flor-de-barriga-verde.

[53] *Ubi* Lat. – No lugar em que, onde. Onde, em que lugar? Quando, em tal momento. Quando? Em que momento.

Todos os polens pomares advir-se-iam

Sabres de raios abriam leques

no flamenco que em meus olhos

_ dispersar-se-iam

Sedas de purpurina dedilham

os sopros do novo dia no piano de marfim

O colear e piar dos pássaros

misterioso despertar conversado

com as calopsitas emplumar-se-iam

das faíscas incandescidas de resinas

.

Ergo-me penetrante como Mysta Myropola

vestida tal a espartaria de cipós

áuspice materno alento no *supparum*[54]

O rebento tenta Erigir-se-ia

na minha lucarna matinal

sorvendo do café principal

No jardim dos mistérios lidos

nas linhas da vida e amor

O Sol nascido da gestação Lua

com poligonal exceler de irradiação sua

Lágrimas dos olhos de orvalho

em diamantinas cortinas ornar-te-iam

De rebento em rebento meus olhos tresnoitados

---

[54] *Supparum* Lat. – Vestimenta de linho (usada por mulheres). Pequena vela sobre o mastro principal.

deslizam em chuva ao telhado em cada longarina

Mansuetude de garoa Turda.

Feito lança Feito espada Feito crucifixo

Face a face com a alterosa cumeada

O dia me transpassa alabastrino

Encaminhar-me-ei ao *templum*[55]

dos rebentos dos orvalhos e açúcares batizar-me-ão

todos os augúrios e bençãos que por mim sonhaste

.

O hálito da ampulheta

A bicada no papaia dos pássaros

Ponteiros da sombra dançam

em meu recanto perfeito

Tatua o contorno da pedra emocionada

que em colostro chorar-se-ia

.

Pelos vãos Folhas Pingos Calhas

O dedo do rebento sobre mim abrir-se-á

como as bolhas estouradas da polenta de fubá

.

As plumas declinam inclinam

Ao vento tempo lento Platô *herbeus*[56]

---

[55] *Templum* -i Lat. – Espaço delimitado no céu por um sacerdote/áugure a fim de ser utilizado como campo de observação para tomar e interpretar os presságios e augúrios. Terreno consagrado pelos augures. Templo, santuário. Cúria, senado, tribuna. Tribunal. Asilo de uma divindade. N.A. o asilo, seria um espaço sagrado no jardim, com perspectiva exceler que denota essa denominação. Onde me sento em um tronco para a paisagem.

[56] *Herbeus* -a -um Lat. Verde, da cor da relva.

Flos

Mara Romaro

no profundo das pequenas gramíneas

_ Dedos de Deus

Echarpes tremulantes invisíveis

nos bicos de papagaios Pica-paus

em cânticos tristes esquecidos do urutau

De braços abertos rememorio

os abraços dissolvidos nos grânulos

Pairam decaindo nas cores acesas

nas luzes abrandadas do teu caminho ido

.

A tarde se avizinha o azinhavre

O calor cozido evaporado fritado em ovo

Como oração minhas todas bocas em silenciar

_ dormiriam

ao mirar a Lua A estrela A enguia

As cobras corais entocadas

Sentada sugando cada grânulo de romã

trazendo a vida nessa *germinationem ?*

.

Cerúleo céu colhe seus cogumelos

Às três em ponto beijar-vos-ei os dedos

Dezessete para as luzes se dissecarem

Olhos chorados cerejas do Sol

tingem as nuvens

atiçando o fogo vinho

em castiçais de douradas lamparinas

As pombas caminham na longarina

Fechar-me-ei nas vidraças e venezianas

.

Relâmpagos nas nuvens zigomorfas

entre minhas ovelhas me pascento

Perguntar-me-ia *Ubi* Quando?

A última areia repousa nas minhas pálpebras

com aroma de mirra e macis

Corro aos degraus da noz moscada

.

Carruagem dourada esmorece

Apenas se reconhecem todas as envergaduras

Focinhos esbaforidos das cabeças d'água

cavalgando intensamente no tempo da tempestade

_ Macaréu

Deito-me em cinzas

Deito-me em lençóis

Cobrir-me-ias de brilhantes

a boca do átimo adormecer

Emaranha na espartaria

Brilharia em quadrantes

o beijo no astrolábio

(Myropola Mysta dista

Hipnotizar-me-ia)

Adendum

NOTAS
| MARÇO 2023

Ipisissimus Meio-dia, nasce de uma abstração influenciada no texto meia-noite. Era para relatar os momentos de fuga em que fico preparando café ou chá na sombra da árvore, em simulacro com os cafés outdoor em que passeio com mochila e apetrechos para fazer um café. A espiriteira é o sinal dos tempos pobres. A reclusão sinal dos efeitos da pandemia e depressão pela perda da escrita. A gata é o acontecimento real desse dia. Ele relata a vinda do beija-flor. O tal que simboliza libertação nos livros artesanais, vem para ser o sacramentar do diálogo com os pássaros. E nesse dia foi algo soberbo e demorado. Que faz a seguinte ponte, o beija-flor transmuta em ser o mensageiro do meu amor etéreo, que tenta me dizer sobre as estrelas nascentes e dormentes, do crepúsculo e amanhecer, como foco de luz, como essência dessa relação cristalina de amor. Transmuta para ser o tal amor, como um toque emissor, como um chamado, devido a percepção que os cliques de busca de meus textos implicavam em certa agonia, requerendo algo, algo que não conseguia dar. O fósforo era elemento real e reacende as faíscas dessa conexão, como no Phasma. Espontaneamente festejo, naquele instante, os tantos momentos que marcam estações do ano, o tempo, o desperdício e acaba servindo como um toque pois a pessoa aniversariaria. Enfim, não era objetivo. Foi o transe que me deu a singular conversa, fruto de tantas conversas com pássaros, no assovio flautado, no assovio de imitação que tem progredido em comportamento dos pássaros.

Pergaminho no bolso, escrito como carta ao escritor, cujo poema inspirador veio de um senhor membro do Nobel Literatura, eu havia visto um texto e escrevi essas palavras, como uma ode sobre tantos escritores amargurados que, puseram-se fim, com poemas no bolso, ou pedras, que transformo nesse dizer em sementes, em polens.

Cântico das Rosas do deserto, seguiu desse tempo prolongado em dor física, maxilar, dente, tratamento odontológico, espera pelo exame de mamografia, tempos rudes, tempos miseráveis e presságios ruins da ruína, corporal, do sinal dos tempos. A dor também pelos vinte três anos após morte de minha mãe e dessa coisa coração em relação a F, sem solução, com um afastamento terrível porque me suprime a inspiração, a vontade de viver, e ser quem sou, escrever. A vivência na carne da necrose da literatura, com a tormenta que não quero afetar a ninguém mas sinto que provoca dor. Ao mesmo tempo que medido na sombra da árvore, passam as chuvas perigosas, e chega o outono de 2023. Aqui estou, dorida, sofrida, e me pergunto porque a natureza é feroz e implacável. Solidão. Reencontro a maternidade com minhas filhas e todas as vidas aqui me atormentam o medo do adiantado da hora do tempo nessa dança do compasso que perfura e sangra o coração.

Bibliografia

1. Dicionário de Latim essencial | Autores: Antônio Martinez de Rezende e Sandra Braga Bianchet | Editora Crisálida.
2. Wikipedia

Editorial

L21

V0 A17 – Capa, Filum Flammeus Firmamentum

Anterior : L21 V0 A16 Escritos do firmamento, Zodiacal, Rosa canina Guriatã.

22 jan 24 -desidero, evaporação, ventos de jacarandá, orvalhar cordão de fogo

A12 nov 23

Status: Constructo | Illustratio |

Osseus Nihil (feito)

Revisão: parte a parte, costura. Não iniciada.

Revisor: a autora.

Playlist: Spotify Mcromaro Flos inspiração

Fonte : Draconian Título, 1979 e humanist 52, tit3 Algerian1 tam10. It , lanotipes e NewsGoth Lt Bt para referências.

Illustratio

Ilustrações de ©Mara Romaro 2020

Todos os direitos são reservados

[Illustratio 1] 1Capa [Castor ao luar]

Identificação: [20221214 L021 Castor ao Luar MA5 A][P IMG_0270].

Aquarela espontânea para noite de luar, paisagem residencial, em papel Etival watercolor a5, desenho sem imagem, natureza viva. Aquarela Cotman W&N e Daler Rowney e Sumiê. Cores Purple Lake, Dioxazine Violet, Cadmium yellow hue, cadmium orange hue, Sepia, Indian Red, Indigo, Cerulean Blue hue, rose madder hue, hookers green dark, leaf green, intense vert, ultramarine white. Nanquim sumiê aplicado com a mini pena caligráfica.

Ilustrações Capitulares:

[Illustratio 13] Prefácio

20191009 L019 A feição MA4 A. [P IMG_]

descrição

©MARA ROMARO

Todos os direitos são reservados

Escrito direto no documento mestre

Escrito 29 julho 2022 a – data final escrita em ser 2025

Status: Constructo Illustratio

V0 – A18 – 18 fevereiro 2025